

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

As paixões associadas à virtù e ao vivere civile em Maquiavel

Projeto de Pesquisa apresentado ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Supervisor: Profa. Dra. Maria das Graças de Souza,

Candidata ao Pós-Doutorado: Dra. Christiane Cardoso Ferreira

São Paulo
2025

Sumário

Introdução e formulação do Problema.....	3
Objetivo do projeto.....	10
Objetivo geral.....	10
Objetivos específicos.....	10
Quadro teórico e justificativa.....	11
As paixões.....	11
O pensamento republicano de Maquiavel.....	17
Relevância da pesquisa.....	20
Justificativa da instituição e supervisora.....	21
Metodologia.....	22
Cronograma para 24 meses.....	23
Referências Bibliográficas.....	23

Os homens prudentes costumam dizer, não por acaso nem indevidamente, que quem quiser saber o que haverá de acontecer deverá considerar o que já aconteceu; porque todas as coisas do mundo, em todos os tempos, encontram correspondência nos tempos antigos. Isso ocorre porque, tendo sido feita pelos homens, que têm e sempre tiveram as mesmas *paixões* [*passioni*], tais coisas só poderão, necessariamente, produzir os mesmos efeitos.

Introdução e formulação do Problema

Quando falamos de paixões em Maquiavel, comumente lembramos das seguintes perguntas que ele se faz n’*O Príncipe*: é melhor ser temido ou amado? Ou ainda a afirmação de que se deve evitar ser odiado. Ódio, medo e amor, paixões que devem ser evitadas, ou que talvez devam ser produzidas. Neste contexto d’*O Príncipe*, as paixões são usadas (ou evitadas) como um meio para se atingir outro objetivo, no caso, a permanência no poder. É possível encontrar este tipo de uso, como meio para se alcançar um objetivo, também nos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio (Discorsi)*¹, por exemplo, quando o florentino afirma que a religião muitas vezes é usada pela nobreza para provocar medo nos plebeus com o objetivo de se beneficiar politicamente; vejamos nas palavras do autor:

Como o povo romano tivesse constituído tribunos com poder consular, sendo todos plebeus exceto um, e ocorrendo naquele ano peste, fome e certos prodígios, *os nobres usaram essa ocasião na nova eleição dos tribunos*, dizendo que os deuses estavam irados porque Roma usara mal a majestade de seu império e que não havia outro remédio para aplacar os deuses, senão restringir a escolha dos tribunos à classe dos nobres: *donde que a plebe, atemorizada por aquela religião, elegeu os tribunos todos nobres* (D, I, 13, p. 57, grifos nossos)²

Com efeito, é possível que o governante ou o grupo que está no exercício do poder faça uso das paixões, produzindo-as, incitando-as, articulando-as. Boquet e Nagy nos ajudam a compreender a partir da análise do ato de “governar as emoções”:

Governar as emoções também significa avaliar e gerenciar as emoções das populações, o que significa exercer um império sobre as emoções como um fim em si mesmo ou se apoiar nas emoções coletivas para atingir um objetivo secundário. (...) Essa navegação emocional é, então, parte do político, entendido como todas as formas organizadas de relações de poder. O importante, então, é deixar em aberto as

¹ A seguinte abreviatura será usada para referenciar a obra *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio: Discorsi*, quando no texto.

² A seguinte abreviatura será usada para referenciar a obra *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* como citação no corpo do texto ou em nota de rodapé: D, seguida do livro e do capítulo e página da edição brasileira utilizada.

possibilidades de interação, para que possamos ver como as emoções manifestadas significam as relações de poder, ao mesmo tempo em que agem sobre elas no exato momento em que são realizadas (BOQUET; NAGY, 2010, p. 4, tradução nossa).

Assim, os exemplos maquiavelianos apresentados acima, cujas paixões são usadas como meio, ganham novas perspectivas com o enunciado de Boquet e Nagy. A primeira é a gestão emocional. Para um homem com formação humanista, não há novidade sobre o uso das emoções, uma vez que a própria retórica coloca atenção sobre isso. Os autores falam do exercício de um império, de um domínio sobre as emoções, devolvendo à política este âmbito que com a modernidade tantas vezes tentaram suprir³. Assim, eles sugerem que as emoções (para fazer uso do termo escolhido pelos autores, *emotions*) manifestadas revelam as relações de poder.

Ao considerar os enunciados d’*O Príncipe* e dos *Discorsi* sobre os humores das cidades, os quais contém as principais premissas de seu pensamento político, Maquiavel parece nos convidar a navegar nas camadas passionais das ações dos homens. Em seu estudo etiológico da grandeza da República Romana, o secretário florentino defende a tese de que a desunião entre plebe e senado (ou entre povo e nobres) gerou acontecimentos que levaram aquela cidade a perfazer-se perfeita (D, I, 2 e 3). Afirma: “que em toda república há dois humores diferentes, o do povo, e o dos grandes, e que todas as leis que se fazem em favor da liberdade nascem da desunião deles” (D, I, 4, p. 21 e 22). Enunciado controverso, que em poucas linhas confronta o pensamento político da tradição humanista florentina desde o século XIII (SKINNER, 2003, p. 202)⁴, contrapondo-se também aos seus contemporâneos que veem na Sereníssima o modelo de república.

Declarar que a desunião entre os humores são a causa da liberdade romana, não explicita completamente, contudo, a razão que fomenta a desunião. É preciso recorrer a’ *O*

³ Em seu reconhecido livro *As paixões e os interesses* (1997), Hirschman defende a tese de que a origem da modernidade política e econômica está na substituição de paixões incontroláveis por interesses razoáveis. As paixões consideradas imorais na Idade Média e na era clássica - avareza, egoísmo, amor-próprio - foram transformadas, segundo o autor, na força motriz da ação social tendente ao bem comum, dando assim origem à modernidade. Racionalizado na teoria econômica desde Adam Smith em diante, o interesse desempenharia um papel único e soberano na explicação da ação social, de tal modo que a noção de interesse racionalizaria os desejos e as paixões, neutralizando a força irracional e, por vezes, destrutiva, destas. (FERREIRA, 2024, p. 89).

⁴ Conforme vimos, a convicção de que toda discórdia cívica deve ser proibida como facciosa, somada à crença de constituir a facção uma das mais graves ameaças à liberdade política, representa um dos principais temas da teoria política florentina desde o final do século XIII, quando Remigio, Latini, Compagni e, mais que todos, Dante denunciaram com o máximo vigor seus concidadãos por colocar em perigo as liberdades, ao se recusar a viver em paz. Insistir, assim, na espantosa sentença (para usarmos a fórmula de Maquiavel) de que ‘os tumultos merecem o maior louvor’ não resulta apenas em destoar da admiração então corrente pela constituição veneziana; implicava, também, pôr em questão uma das convicções mais arraigadas de toda a história do pensamento político florentino (SKINNER, 2003, p. 202).

Príncipe para compreender que no centro da etiologia da discórdia civil maquiaveliana estão os desejos, como se pode verificar na pena do autor:

Em todas as cidades existem esses dois humores diversos que nascem da seguinte razão: o povo deseja não ser comandado nem oprimido pelos grandes, enquanto os grandes desejam comandar e oprimir o povo; desses dois apetites opostos, nasce nas cidades um destes três efeitos: principado, liberdade ou licença. (P, IX, p. 45)⁵

Este enunciado é fundamental para o pensamento político maquiaveliano. Ele é claro ao apresentar a razão da discórdia existente em todas as cidades. E tal razão desvela também o motivo pelo qual a desunião é impossível de ser sanada, uma vez que tais desejos não podem ser plenamente satisfeitos. Tal insatisfação não se dá porque eles competem pelo mesmo objeto, mas porque são assimétricos, como explica Bignotto,

Das duas forças principais que dividem a cidade, não podemos dizer que elas sejam o inverso simétrico uma da outra. O povo, não visando à mesma coisa que os grandes, não pode ser compreendido pela imagem do inimigo organizado num campo de batalha. Daí resulta que a liberdade não é um meio termo estático que satisfaz os desejos dos dois oponentes. Tal fim é absolutamente impossível de ser alcançado por dois adversários que não têm o mesmo objetivo (BIGNOTTO, 2005, p. 86).

Esta observação de Bignotto é importante porque recusa as interpretações que defendem que os humores agem em colaboração um com o outro, na tentativa de ambos serem satisfeitos. Esta vertente interpretativa, tal como vemos em Parel (1992) e Charbel (2010), defendem uma teoria política da concórdia e da colaboração. Maquiavel é claro ao afirmar a desunião existente em todas as cidades, e ainda mais quando explicita os desejos assimétricos.

É preciso retornar ao enunciado d'*O Príncipe*, no qual os desejos são revelados como razão dos humores. Tal afirmação desvela também a falácia das respostas que encontram nas diferenças sociais, econômicas ou morais a resposta para a indelével discórdia civil. São desejos que estão em jogo, que definem as diferentes partes da cidade e, como assevera Lefort, determina a experiência política fruto da relação essencial promovida pelos desejos opostos. Nas palavras do intérprete francês:

irreduzível à primeira vista, não de uma distinção de fato, pois aquilo que faz com que os grandes sejam grandes e que o povo seja o povo, não é que tenham por sua fortuna, por seus costumes, ou por sua função um estatuto distinto associado a interesses específicos e divergentes; e Maquiavel o diz sem rodeios, porque uns desejam comandar e oprimir

⁵ No presente trabalho, para referenciar a obra *O Príncipe* em português, usaremos a abreviatura P, seguida do capítulo e página da edição brasileira utilizada, quando em nota de rodapé ou como citação no corpo do texto.

e os outros não sê-lo. Sua experiência se determina apenas nesta relação essencial, no choque de dois “apetites”, por princípio igualmente “insaciáveis” (LEFORT, 1972, p. 382, tradução nossa).

Segundo Lefort, esta relação conflituosa produzida pelo embate entre o desejo de comandar e oprimir e o desejo de não ser comandado nem oprimido desvela, por fim, o que é o político para Maquiavel.

O político revela-se assim não no que se nomeia atividade política, mas nesse duplo movimento de aparição e de ocultação do modo de instituição da sociedade. Aparição, no sentido em que emerge à visibilidade o processo crítico por meio do qual a sociedade é ordenada e unificada, através de suas divisões; ocultação, no sentido em que um lugar da política (lugar onde se exerce a competição entre os partidos e onde se forma e se renova a instância geral do poder) designa-se como particular, ao passo que se encontra dissimulado o princípio gerador da configuração de conjunto (LEFORT, 1991, p. 26, grifos nossos).

Este movimento de aparição e ocultação, ora desvela o motor da relação política, ora encobre ou dissimula essa relação essencial, de modo que só fica à mostra (só se enxerga) as atividades políticas que são expressões ou concretizações de uma relação mais profunda, acessada por meio de uma camada passional, onde se encontram os desejos. Se Rousseau estiver certo que Maquiavel escreveu *O Príncipe* para dar lições mais ao povo que aos príncipes (2020, p. 579⁶), devemos nos atentar à advertência que o florentino faz em *O Príncipe*: “Os homens, universalmente, julgam as coisas mais com os olhos do que com as mãos, porque todos podem ver, mas poucos podem sentir. Todos veem aquilo que parece, mas poucos sentem [percebem] o que és” (P, XVIII, p. 87)⁷. A afirmação de que os homens julgam as coisas pelo que veem sem sentirem-na ou perceberem-na verdadeiramente, parece corroborar com a leitura lefortiana do movimento de ocultação e aparição do político. Se vemos somente pela aparência, focamos a análise nas relações políticas que são as atividades, as expressões e concretizações de uma relação que não se estabelece na concretude da camada da arena política que vemos. Para ter acesso ao que ocorre verdadeiramente, é preciso partir para outra camada.

Tomando, então, como premissa que a relação conflituosa entre os humores tem origem na divergência insuperável dos desejos e que ela é reveladora do político,

⁶ *O contrato social*, livro III, capítulo 6.

⁷ Maquiavel volta a este tema nos *Discorsi*, por exemplo, no seguinte trecho que é menos específico do que o que estamos usando acima: “porque o comum dos homens [*universale*] se nutre tanto do que parece ser quanto do que é: aliás, muitas vezes se comovem mais com as coisas que parecem ser do que com as que são” (D, I, 25, p. 87).

compreendemos que estes desejos, postos em relação, são o fundamento do político. Fundamento entendido aqui como origem, como razão de ser. Mas essa premissa não explica as condições de possibilidade para um regime político específico, o qual a república é aquele que está no nosso horizonte. É bem verdade, como pudemos ver acima, que a relação entre os humores pode ter como efeito o principado, um regime de liberdade (entendido aqui como república) e a licença (P, IX, p. 45). Mas, para compreender como é possível ordenar e manter um regime republicano, ater-se somente ao desejo de não ser comandado nem oprimido não responde nossa questão, uma vez que supostamente este desejo encontra-se em todas as cidades, inclusive naquelas que são principado ou que não possuem um regime político definido, como é o caso do que Maquiavel chamou Licença (BENEVENUTO, 2011).

Parece-nos que é preciso acessar a camada passional para perguntar: quais paixões, e de que modo elas são arranjadas ou configuradas em um jogo, que permite perfazer as condições de possibilidade para ordenar e manter um regime republicano?

Essa foi a pergunta norteadora da nossa tese, apresentada e defendida em dezembro de 2023, para compreender o que, além do desejo de não ser dominado nem oprimido, precisa para se fazer e manter uma república. A busca da resposta pela camada passional não é de todo sem complicações, a começar pelo fato de Maquiavel não ter escrito nenhum tratado sobre as paixões, bem como não sucumbir a desenvolver uma psicologia maquiaveliana, como fizera Markus Fischer (1997), embora seu *paper* talvez tenha sido um dos primeiros trabalhos de mais fôlego que tratara a questão das paixões no pensamento do secretário florentino.

Tendo como escopo o republicanismo, a tese dedicou-se a tratar sobre as paixões especialmente no “tratado sobre as repúblicas” (os dezoito capítulos iniciais do livro I dos *Discorsi*, os quais boa parte dos comentadores do florentino acreditam conter as premissas e pressupostos do republicanismo maquiaveliano), demonstrando como um jogo das paixões se faz e refaz constantemente perfazendo a perfeição da república romana e, posteriormente, sua ruína. Nossa tese tratou de demonstrar que um jogo das paixões jogado especialmente com o medo, o desejo de segurança, o sentimento de segurança e de igualdade pode abrir condições de possibilidade para um regime de liberdade. Além disso, analisou-se que a depender em qual dos humores estas paixões são localizadas, os efeitos nas relações e na participação política mudam. Um excesso de sentimento de segurança nos grandes, por exemplo, parece aumentar a tendência à corrupção, pois as relações políticas são alteradas já não favorecendo os cidadãos mais

virtuosos, mas os poderosos, resultado de uma dinâmica passional alterada internamente pelas relações externas, também em um jogo do medo e do sentimento de segurança. Os sentimentos de igualdade e desigualdade também foram analisados para se compreender as condições de possibilidade de realizar um regime republicano, bem como um lugar especial do medo na fundação e retorno aos princípios (reordenação da cidade) para se manter ao longo do tempo um regime republicano.

Atendo-se à camada passional para compreender o jogo das paixões que configuram as condições de possibilidade para um regime de liberdade, abriu-se uma interpretação diferente e original do pensamento político republicano, como fora reconhecido pela banca avaliadora. Contudo, tendo sido o escopo da tese delimitado pelo tempo de um doutorado, não nos permitiu investigar nem todas as paixões, nem as decorrências políticas produzidas por seus movimentos e intensidades considerados em relação – lembrando aqui que o pensamento político é relacional, não podendo tratar os grandes ou o povo isoladamente. Assim, por exemplo, o desejo de liberdade pode ganhar uma análise minuciosa, ao considerar por exemplo, sua intensidade, cujo excesso pode produzir não uma república, mas uma tirania (D, I, 40), o que, *a priori*, pode parecer uma contradição. Outra questão importante sobre as paixões, que também faz sua interface com a corrupção, é a “derrapagem do desejo popular”⁸, denominação dada por Cardoso (2015, p. 232) à mudança de natureza do desejo do povo quando se identifica com o desejo dos grandes. Nesta “derrapagem”, a ambição – paixão do gênero que se associa à natureza insaciável do desejo (GAILLE-NIKODIMOV, 2004, p. 44 - 45) joga um papel importante na perda do regime de liberdade. Tal questão mobiliza um intenso debate entre os maquiavelianos brasileiros, discussão pautada na última década na tentativa de solucionar tal problema. Entre os comentaristas brasileiros envolvidos no debate estão Helton Adverse (2007, 2018) e Sérgio Cardoso (2015, 2022), embora muitos outros autores trataram de responder esta questão: Gaille-Nikodimov (2004), Silva (2013), Bock (1990), entre tantos outros.

Compreender o republicanismo a partir da corrupção é uma estratégia adotada pelo próprio pensador florentino. Os capítulos 16, 17 e 18 do livro I dos *Discorsi* (os capítulos finais do “tratado sobre a república” do qual falamos acima) trazem o estudo de Maquiavel sobre as possibilidades de ordenação ou fundação de um governo republicano. A condição de possibilidade está no grau de corrupção do povo, como podemos verificar:

⁸ Expressão utilizada por Cardoso (2015, 232)

“Porque um povo inteiramente corrompido não pode, nem por breve tempo viver livre” (D, I, 16, p. 65); o título do capítulo 17 é revelador por si: “um povo corrompido que se torne livre com enorme dificuldade se mantém livre” (D, I, 17, p. 69); “não creio que seja inoportuno nem deixe de conformar-se ao assunto de que tratamos acima considerar se numa cidade corrompida é possível manter um estado livre que já existia ou, se não existir, ordenar um. (...) *por ser necessário agir segundo os graus de corrupção* (D, I, 18, p. 73, grifos nossos).

Maquiavel assevera, no “tratado sobre as repúblicas”, que no caso de corrupção da matéria, uma cidade só pode suportar o regime republicano “pela *virtù* de um homem que ainda esteja vivo, e *não por virtù do povo* [dello universale] *a dar sustentação a boas ordenações*” (D, I, 17, p. 71, grifos nossos). Dessa afirmação, entende-se que quando o povo está totalmente corrompido, não existe a possibilidade de instaurar um regime republicano. A razão da impossibilidade está na ausência de *virtù* do povo, fato que determinaria a possibilidade de no máximo um regime principesco compatível com a liberdade por *virtù* do príncipe. Assim, entende-se que o povo corrompido não tem *virtù* para dar princípio, nem para manter a liberdade (*Ibidem*, p. 71).

Sendo a *virtù* uma condição de possibilidade para fundação/ordenação e existência de um governo republicano, nossa pergunta deste projeto de pesquisa é: quais são as paixões, que performam jogos em ressonância com o desejo de não ser dominado nem oprimido e que produzem e/ou sustentam um *vivere civile* e o regime político republicano? A questão não nos parece estranha quando lembramos que a civilidade do povo é incitada pelo medo, especialmente manejado por meio da religião. Quais paixões compõem este arranjo que abre a possibilidade de produção de um regime republicano e que sustenta um povo virtuoso? A indicação de que a corrupção é o contrário de *virtù* neste contexto do debate republicano fomenta também a pergunta inversamente complementar de quais paixões, incluindo a ambição, levam à corrupção, à perda da *virtù* e à impossibilidade de um regime de liberdade?

Sabendo-se de um jogo das paixões que abre a possibilidade para um regime republicano e um *vivere civile*, pois determina os modos das relações, uma vez que criam uma certa ambiência favorável à participação de homens virtuosos; queremos compreender, primeiramente, quais jogos de paixões jogam a favor da *virtù* popular, de modo que funcionem como condições de possibilidade para dar princípio à um regime de liberdade e sua manutenção. Em segundo lugar, queremos identificar e analisar quais são

as paixões que favorecem a corrupção de um povo e obstrui a possibilidade de um regime republicano. E dado ao fato de saber que um jogo de paixões pode produzir uma ambiência que carrega a possibilidade para o regime de liberdade, mas que sua produção também depende da *virtù* do povo, precisa-se compreender e analisar quais são as paixões que estão inextricavelmente associadas à *virtù* popular. Logo, a análise das paixões e da *virtù* do povo em conjunto também se faz necessária.

Objetivo do projeto

Objetivo geral

Pretende-se pesquisar quais as paixões e seus jogos que sustentam as possibilidades para um regime de liberdade: ou seja, aquelas que inextricavelmente estão vinculadas à *virtù* do povo. O estudo para compreender como é possível manter um regime republicano, evitando sua corrupção, leva-nos também a tratar sobre as paixões que suscitam governos tirânicos e a produção de um povo corrupto, no sentido de evitá-las, movimento argumentativo feito pelo próprio Maquiavel

Objetivos específicos

- ✚ Mapear nos *Discorsi* o tema da *virtù* do povo e as paixões que aparecem a ela vinculadas;
- ✚ Fazer a leitura do *Príncipe* a partir dos trabalhos filológicos de Mário Martelli, Carmine Donzelli e Conrado Vivanti, cotejando com as publicações em Português, corrigindo possíveis erros, ou ambiguidades interpretativas das traduções (trabalho feito nos *Discorsi* durante a tese);
- ✚ Mapear em *O Príncipe* o tema da *virtù* e as paixões que aparecem a ela vinculadas;
- ✚ Fazer pesquisa bibliográfica sobre a *virtù* popular e a *virtù* no republicanismo de Maquiavel;
- ✚ Comparar a *virtù* do príncipe e a do povo, bem como as paixões e as virtudes a elas associadas;
- ✚ Analisar como as paixões atuam na criação da *virtù* popular, bem como na sustentação;
- ✚ Analisar como as paixões podem ser compreendidas como condições de possibilidade para um regime republicano que precisa de um povo cheio de *virtù*;
- ✚ Publicar artigos a partir das pesquisas parciais, ao menos um por ano. Tais artigos

gerarão os capítulos para o livro final;

- ✚ Ministrar cursos e mini-cursos sobre o tema, tanto para graduação, pós-graduação ou extensão universitária, a partir da demanda do programa de pós-graduação;
- ✚ Publicar um livro com o resultado da pesquisa desenvolvida.

Quadro teórico e justificativa

As paixões

Constata-se facilmente que os desejos e as paixões aparecem constantemente nos escritos de Nicolau Maquiavel. Adverse (2009, p. 163) nos alerta que não podemos negligenciar a importância das paixões no pensamento do secretário florentino, pois seus textos nos mostram à exaustão que a ação política dos homens está intimamente ligada à sua afetividade. Hochner (2014, p. 122 - 123) também defende que a visão política de Maquiavel toma em conta as emoções, uma vez que os homens são motivados por impulsos emocionais [*emotional drives*] e não pela prudência e racionalidade. Já Lefort (1972), por sua vez, vai compreender que o florentino rompe com o modo de pensar mais comum de sua época, cujos pensamentos eram vinculados às teorias naturalistas ou da razão, fazendo, em contrapartida, uma espécie de teoria do desejo: “Seu propósito [de Maquiavel] é de aludir ao desejo as instâncias da ordem política que tradicionalmente são deduzidas da razão ou da natureza” (LEFORT, 1972, p. 482, tradução nossa).

Deve-se admitir que, embora seja fácil constatar a quantidade de referências a distintas paixões ao longo dos textos maquiavelianos, especialmente em *O Príncipe* e nos *Discorsi*, é comum que elas sejam desconsideradas como objetos de estudo. Verifica-se que são raras as interpretações que as colocam no centro do pensamento do florentino, menos ainda como possibilidade de estarem estreitamente vinculadas ao fundamento do político e dos regimes políticos. Deste modo, pouco figurando como tema de pesquisa, é possível encontrá-las como parte das investigações, como ocorre, por exemplo, no livro de Adverse, *Maquiavel - política e retórica* (2009), cuja análise das paixões está subordinada ao estudo da retórica. Por outro lado, quando figuram como objetos, por vezes encontramos estudos de paixões específicas que não são importantes na e para a esfera pública, como é o caso do amor sexual estudado por Ruggiero (2006) ou do amor-próprio, por Price (1988).

Hochner (2014, p. 123) identifica que uma onda de estudo das paixões inicia-se

na década 1980, após um primeiro impulso localizado no final da década de 1930 e começo dos 1940 com Norbert Elias e Lucien Lebrun, na sociologia e na história, respectivamente. Hochner (2014, p. 123) atribui tal “moda” (a segunda onda) à crescente legitimidade dada às emoções devido às neurociências e aos estudos cognitivos que as colocaram em pauta. A nova onda pode ser vista em distintas áreas: economia, história, psicologia – inclusive propondo análises das emoções que se contrapõem aos pressupostos neurobiológicos e cognitivos. Apesar do retorno das emoções aos estudos das ciências humanas, afirma Hochner que ele ainda é tímido no âmbito da filosofia política e da ciência política devido à uma questão ideológica, tendo como centro o liberalismo com sua crença de que libertou a política da irracionalidade das paixões⁹.

Contudo, anterior à onda identificada por Hochner, temos Claude Lefort que, como vimos acima, ao colocar os conflitos de classe no centro de sua análise, acaba, por consequência, dando visibilidade aos desejos, especialmente os do povo. A seguir, comprovamos que Lefort vincula a dinâmica dos desejos em confronto ao político:

É então de uma oposição constitutiva do político que é preciso falar, e irreduzível à primeira vista, não de uma distinção de fato, pois aquilo que faz com que os grandes sejam os grandes e que o povo seja o povo, (...) é, Maquiavel o diz sem rodeios, porque uns desejam comandar e oprimir e os outros não sê-lo (LEFORT, 1972, p. 382, tradução nossa)

Esta exegese merece destaque porque coloca em evidência os desejos dos grandes e do povo no centro da produção do político e da política, encontrando nesta questão, o ponto crucial de todo o pensamento político do florentino. Devemos atentar, no entanto, que o intérprete francês considera que o elemento central da teoria maquiaveliana são os conflitos civis identificados como lutas de classes, cujo desejo popular é o móvel. Não estamos em desacordo com Lefort. Ao contrário, reconhecemos a notável interpretação do pensador francês e incorporamos diversos pressupostos de sua análise.

Markus Fischer publicou, em 1997, o artigo *Machiavelli's Political Psychology*, no qual defende uma psicologia em Maquiavel. Seu texto é bastante original, pois é um dos primeiros que procura entender a questão dos desejos e humores a partir da psicologia. Assim, se propõe a identificar as premissas psicológicas no pensamento do florentino. Ainda que admita que Maquiavel não as tenha apresentado de modo ordenado, o autor

⁹ Hochner (2014, p. 123) usa Freedman (2013) no *Journal of Political Ideologies* para demonstrar a resistência dos autores que fazem estudos em política para admitir que é necessário enfrentar e analisar as emoções. Ela (*Ibidem*, p. 123) ainda afirma que a narrativa liberal de uma modernidade liberal que nos “libertou da irracionalidade, do dogma religioso e da dominação é definitivamente difícil de abandonar”.

defende que o florentino teria uma consistente visão psicológica do homem, ao considerar, por exemplo, que a natureza humana consistiria em espírito, mente, desejos e humores. Tal perspectiva psicológica seria derivada da medicina e da psicologia medievais (FISCHER, 1997, p. 828), onde o comentador teria encontrado elementos para compreender a visão de homem de Maquiavel, a qual partiria da distinção entre propriedades naturais - citadas logo acima - e atributos acidentais, por exemplo os hábitos, os costumes (FISCHER, 1997, p. 794 - 796). Seria essa distinção que explicaria, por exemplo, a imagem do “homem” maquiaveliano dual, que estaria entre a voracidade e a civilidade. Além do problema de buscar uma essência humana desejante em Maquiavel, Fischer entende que a proposta do florentino pautada nos humores defenderia a satisfação destes nas formas de governo, ainda que parcialmente, de tal modo que a república seria a forma que satisfaria ambos os humores, os grandes e o povo.¹⁰

Hochner em seu texto *Machiavelli Love and the economy of emotions*, publicado em 2014, propõe o amor como a emoção mais importante no pensamento maquiaveliano. Seu *paper*, se não é o pioneiro, certamente é um dos primeiros que coloca uma paixão na centralidade da interpretação. A comentadora parte da premissa de que política e emoção¹¹ são indissociáveis, como podemos comprovar na palavra da comentadora: “em última análise, a política para Maquiavel é um assunto [*affair*] emocional” (HOCHNER, 2014, p. 122, tradução nossa). O segundo ponto de originalidade de seu artigo é a defesa de que o amor é a paixão mais importante nos textos do florentino, o que para tanto, teve de considerar que “mais importante” difere de “mais forte”, cuja paixão, neste caso, seria o medo. Um dos problemas principais de seu texto parece ser a sua definição de amor, conceituado somente na parte final como o “estado paradoxal entre o medo e o não-medo é, eu sugeriria, o que o amor significa, uma mistura híbrida de confiança e ansiedade” (*Ibidem*, p. 132, tradução nossa). Ao longo do *paper*, ou seja, até chegar a essa definição, outras concepções de amor parecem ser evidenciadas e colocadas neste lugar, de modo que até mesmo o desejo popular de não dominação parece ser, num determinado momento, o que ela chamaria de amor: “o dissenso social certamente não é eliminado pelo amor político; pelo contrário, o amor, para Maquiavel, é um apetite que fortalece o povo e o estimula a ser

¹⁰ Sobre nossas críticas a Fischer, ver CARDOSO FERREIRA, C.; BENEVENUTO, F. (2019).

¹¹ Mantemos *emotions*, o termo usado por Hochner (e o manteremos sempre que algum(a) autor(a) usá-lo), muito embora não estamos de acordo com o uso dessa expressão, preferindo usar o termo paixão(ões). Veremos detalhes no capítulo oportuno.

mais agitado e tumultuoso” (*Ibidem*, p. 124, tradução nossa). Além disso, se tomarmos a concepção final apresentada pela autora, talvez essa definição de amor sirva muito mais para um regime republicano do que exatamente para todos os textos de Maquiavel. De todo modo, este artigo de Hochner parece inaugurar a possibilidade de compreender Maquiavel a partir da vinculação entre política e paixões.

No texto *La rhétorique des humeurs* (2016), Mansuy parte da interpretação de Lefort, a qual considera, como vimos, a divisão social como a grande novidade proposta por Maquiavel. Mansuy coloca em questão a interpretação do comentador francês de que a divisão social é originária, ou seja, de que Maquiavel refutaria a ideia de uma cidade *una*. Para tanto, Mansuy, defende que o medo é a paixão principal na teoria maquiaveliana. Em síntese, ele faz a defesa de que, antes dos desejos do povo e dos grandes, havia o medo. Desse modo, Mansuy propõe uma ontologia dos desejos do povo e dos grandes, colocando a *paura* na origem deles o que tem consequências: antes da divisão dos humores, efeito dos dois desejos, haveria um momento no qual não existiria a divisão. Nas palavras do autor:

na origem, há o medo; e é esta segunda afirmação que, por vezes, está ausente das análises de Lefort. É o medo que engendra dois sentimentos, e conseqüentemente dois efeitos políticos de ordem diferente (...), mas esta divisão contém uma certa unidade na origem. (MANSUY, 2016, p. 583, tradução nossa).

A principal crítica que podemos tecer a este artigo é o fato do seu autor considerar os desejos como sendo necessariamente derivados do medo, sem considerar que podem nascer de outras paixões, como por exemplo, do tédio e da ambição¹².

Existe também o artigo *Machiavelli's passions*, de Matteo Faini, publicado em 2017. O objetivo do comentador é analisar o próprio Maquiavel a partir das premissas maquiavelianas de análise. Faini propõe, então, examinar as falhas e os sucessos das análises do florentino. O que interessa neste momento, no entanto, é destacar a originalidade da proposta de seu artigo: considerar as paixões como o método maquiaveliano para análise dos atores políticos com quem precisava lidar no seu cotidiano, durante sua prática como segundo secretário de Florença e nas suas funções diplomáticas. Afirma o comentador: “A estratégia que desenvolveu [Maquiavel] para descobrir as intenções destes estadistas baseou-se na análise das paixões humanas, na

¹² Afirma Maquiavel: “Porque, sempre que os homens não precisam combater por necessidade, combatem por ambição” (D, I, 37, p. 113).

descoberta do traço fundamental que definia o caráter de um homem” (FAINI, 2017, p. 203, tradução nossa).

Dessa bibliografia levantada, constatamos a raridade de interpretações que colocam as paixões no centro do pensamento político maquiaveliano. Contudo, é interessante observar que elas deixam indicado os seus diferentes lugares dados às paixões: Hochner afirma que a política, para o florentino, é “uma questão de fabricar e incitar paixões” (HOCHNER, 2014, p. 122, tradução nossa); para Faini, as paixões ocupam uma centralidade no método de análise e previsão das ações, uma vez que elas marcam ou caracterizam os atores políticos; e Mansuy, ao fazer uma ontologia dos desejos humorais, identifica em uma paixão, especificamente o medo, a origem da divisão civil. Portanto, estes textos já parecem indicar que as paixões estão, de diferentes modos, imbricadas no pensamento político do florentino, pois estariam associadas às análises, ações e decisões políticas.

Nossa tese, intitulada *O jogo das paixões no pensamento republicano de Maquiavel* (2023), pretendeu defender que o jogo das paixões são fundamento do político e da república. Os desejos dos grandes de comandar e oprimir e o desejo de não ser comandado nem oprimido, numa dinâmica conflitiva, são razão do político e causa necessária, mas não suficiente, do regime de liberdade e do *vivere civile*. Entendendo os desejos como uma espécie de paixão, podemos afirmar, então, que a razão do político são paixões. De nenhum modo, no entanto, pretendemos afastar a centralidade das ações no pensamento maquiaveliano. Considerando que as paixões estão inextricavelmente vinculadas às ações, a investigação se dá como em uma camada molecular¹³, uma vez que seu jogo é uma das variáveis que surge e se reforça na relação, e que movimenta ou estanca as ações humanas. Contudo, além dos desejos, outras paixões podem ser discriminadas nestes jogos, pois perfazem e atuam em um jogo que pode ser mais ou menos propício a uma república ou outros regimes a depender da intensidade e de sua vinculação a um ou outro grupo político. O desejo de igualdade, o sentimento de segurança do povo e a presença do medo refreando as ações dos grandes se relacionam a uma dinâmica que propicia um regime de liberdade e um *vivere civile*. Contudo, como tudo que é dinâmico está em constante movimento, é o jogo do aparecimento e

¹³ Tal metáfora, que parece deslocar nossa análise do Renascimento para a ciência contemporânea, é uma expressão que foi usada por Merleau-Ponty (1991, p. 243) no texto *Notas sobre Maquiavel*, que embora fale de outros processos, nos inspira na compreensão da relação da camada passional com as ações e atividades políticas.

desaparecimento das paixões, incitados pela relação com atores políticos, permite tanto a manutenção, como pode fomentar a ruína de um regime político. É assim, por exemplo, que Maquiavel justifica a produção do medo para fundar ou reordenar uma república (D, I, 16).

Para tratar sobre as paixões como um fundamento do pensamento político de Maquiavel, precisamos, primeiro, dizer que nos distanciamos das interpretações que entendem que as paixões são exclusivas ou especialmente usadas como meio para se atingir algum objetivo político – uso identificado notadamente nos autores antigos, como afirma Moreau (2003, p. 11)¹⁴. Como vimos acima, alguns intérpretes de Maquiavel observam que as paixões ocupam outro lugar que não apenas o de servir de “meios” para determinados fins. Elas estão na base dos comportamentos e das ações humanas e na origem da divisão civil.

Podemos ainda alargar a compreensão das paixões na política. Boquet e Nagy concedem uma boa chave de leitura para a compreensão delas e, embora não se dediquem a Maquiavel, podem contribuir em nosso estudo. Afirmam os autores:

Governar as emoções também significa avaliar e gerenciar as emoções das populações, o que significa exercer um império sobre as emoções como um fim em si mesmo ou se apoiar nas emoções coletivas para atingir um objetivo secundário. Seja como for, (...), a emoção nunca é reduzida a um meio puro, ela também é o agente de transformação por meio do qual o evento político ocorre. (BOQUET; NAGY, 2010, p. 4, tradução nossa).

Indubitavelmente não podemos negar a existência do uso das paixões, em Maquiavel, como meio para se atingir um objetivo. Contudo, nos interessa mais pensá-las como uma das camadas das relações políticas. Se as relações geram paixões e se elas não são apenas expressões de algo afetado ou padecido, são também, ao mesmo tempo, agentes, no sentido de influenciarem e, por vezes, fomentarem ações, relações e outras paixões, que podem perpetuar ou romper uma dinâmica. Neste sentido, existe um jogo das paixões. Consideramos, então, que além dos desejos dos grandes e do povo – respectivamente, desejos de comandar e oprimir e de não ser comandado nem oprimido – outras paixões podem estar no fundamento do seu pensamento político, uma vez que não somente os desejos humorais aparecem nos textos maquiavelianos. Por exemplo, é possível verificar outros desejos, tais como o desejo de vingança, de conquista, o de

¹⁴ Segundo Moreau, as emoções, na Antiguidade, não são objetos de análise em si, e estão nos estudos das ações, uma vez que representam um alvo ou um meio de atingir um alvo. (Moreau, 2003, p. 11).

manter, o de reinar, bem como outras paixões, tais como a ambição, o medo, o ódio, o desprezo¹⁵.

O pensamento republicano de Maquiavel

Dos reconhecidos intérpretes de Maquiavel que trouxeram seu republicanismo de volta à agenda de pesquisas na segunda metade do século XX, temos três que, especialmente, não podemos deixar de mencionar devido à importância de suas pesquisas, cujos trabalhos foram publicados na década de 1970. Claude Lefort, com o seu livro *Le travail de l'oeuvre Machiavel*, de 1972, colocou no centro de sua interpretação a desunião dos grandes e do povo, cujos desejos opostos são a razão da luta de classe, expressa como a discórdia interna existente em todas as cidades. A liberdade, de acordo com sua interpretação, é efeito da desunião destes grupos sociais. Cada um deles nasce de desejos distintos que se enfrentam especialmente porque o desejo do povo se contrapõe ao dos grandes. É deste modo que Lefort compreende que Maquiavel desvela a oposição constitutiva do político que é o choque de dois desejos, dois apetites, inconciliáveis e insaciáveis (LEFORT, 1972, p. 382).

Outro intérprete é John G. A. Pocock que publicou, três anos depois de Lefort, em 1975, o *The Machiavellian moment*, livro bastante importante porque não apenas interpreta Maquiavel, como também demonstra a influência do republicanismo do florentino na tradição anglo-saxã, desde a época dos debates constitucionais do período da *Commonwealth* inglesa até o período da revolução americana. Acerca das paixões em Maquiavel, Pocock não se dedica a falar sobre elas. Nem mesmo menciona os desejos – elementos da premissa maquiaveliana – ao apresentar a primeira, ousada e arrebatadora, “hipótese fundamental” do florentino, qual seja: a de que a liberdade nasce da desunião dos humores. Ao reconstituir a argumentação sobre ela, afirma, em uma rápida menção, que Maquiavel parece relacionar o passo decisivo para a constituição mista com o medo aos Tarquínio, mas logo trata de ressaltar que a ênfase, não está no temor, mas nas leis romanas apropriadas à liberdade (POCOCK, 1975, p. 195). Muito embora os desejos dos humores não apareçam no texto de Pocock, há a menção de elementos irracionais que operariam no pensamento político maquiaveliano. Ele compreende que, tendo sido a causa da liberdade, da estabilidade e do poder de Roma, a desunião e o conflito entre nobres e o povo é fruto da irracionalidade que se converte em racionalidade

¹⁵ Ver tese de FERREIRA, 2024.

numa república: “Mas se a união surge da desunião, é lógico que provenha da ação irracional, antes que da racional” (POCOCK, 1975, p. 194, tradução nossa). A racionalidade, para Pocock, está ligada à *virtù*, e a irracionalidade, à figura da deusa Fortuna. Mas, não apenas, pois considera irracionais todos os aspectos que levam a uma estrutura política e social não virtuosa, bem como os aspectos que a mantêm, incluindo aqui os costumes.

Quentin Skinner, historiador das ideias e colega de Pocock em Cambridge, lança o *The foundations of modern political thought* em 1978. Neste livro, apresenta a contribuição maquiaveliana ao debate sobre os valores republicanos como heterodoxa, porque colocou os tumultos ou conflitos entre classes no centro do debate. Para Skinner, Maquiavel e seus contemporâneos concordavam com a ideia de que a liberdade só pode ser mantida se a *virtù* fosse promovida, e que esta somente seria promovida se os cidadãos participassem plenamente dos negócios políticos. Ao colocar em relevo os perigos da discórdia civil, os contemporâneos de Maquiavel não teriam compreendido a percepção fundamental do político, qual seja, que toda legislação que favoreça a liberdade decorre do choque entre classes, de modo que “o conflito de classes não é solvente, mas o cimento de uma República” (SKINNER, 2009, p. 201 - 202, tradução nossa). Assim, os tumultos da Roma republicana seriam o resultado de uma intensa participação política (do populacho e do senado) e, portanto, representariam a mais alta *virtù cívica*. Ao interpretar que Maquiavel coloca em questão o conflito entre classes, Skinner vincula a discórdia civil à *virtù* política, já que em Roma os tumultos garantiam que um “partido” não oprimisse o outro, nem lhe ignorasse os interesses (*Ibidem*, p. 201). Colocando em termos de interesse, Skinner se afasta de trazer para o debate os desejos que subjazem os tumultos, ignorando inclusive qualquer vocabulário que se aproxime de termos passionais. Traduz *humores* como *disposições* (*Ibidem*, p. 201), retirando de tal metáfora a carga corpórea e afetiva que o termo original [*umori*] carrega mais intensamente do que a palavra usada para sua tradução. Mesmo no que se refere aos humores, em seu livro *Machiavelli* (1981), Skinner tampouco explora tal enunciado, afirmando que se trata de um axioma do pensamento maquiaveliano (SKINNER, 2000[1981], p. 73), sem, no entanto, como bem observa Gaille- Nikodimov (2004, p. 62)¹⁶, desenvolver qualquer explicação sobre este, o que tende a mantê-lo afastado dos debates que incluam os desejos ou outras paixões na questão acerca da liberdade.

¹⁶ Conferir nota de rodapé 3.

Os livros dos três autores que destacamos acima evidenciam uma onda de interpretação republicana que se retoma a partir deles na década 1970, a qual coloca Maquiavel e seus textos novamente em debate, inclusive para pensar questões contemporâneas.

A escolha pelo enfoque republicano nesta pesquisa se dá pela hipótese de que neste regime político as paixões estão mais expostas. Primeiro, no sentido de que elas aparecerem mais, uma vez que na república não há um príncipe que se apresenta e se coloca no papel de protetor da plebe, como uma espécie de intermediário (algo como um anteparo) entre os humores. Este lugar supostamente garantiria segurança, pois significaria a evitação do confronto entre grandes e povo. Parece ter sido assim à época dos Tarquínios (e enquanto eles viveram): os grandes se portavam humanamente com a plebe (D, I, 3, p. 20); do mesmo modo ocorreu em Esparta, segundo o secretário florentino: “porque os reis espartanos, sendo instituídos naquele principado em meio àquela nobreza, para conservar-lhe a dignidade, não tinha melhor remédio que manter a plebe protegida de injúrias” (D, I, 6, p. 29). Em segundo lugar, as paixões aparecem mais porque são sempre direcionadas ao âmbito institucional, que tem, neste regime, lugares próprios para dar vazão a elas, evitando, assim as soluções privadas. Vejamos nas palavras de Maquiavel: “que se permite o desaforo daqueles humores que de algum modo cresçam nas cidades contra qualquer cidadão: e quando tais humores não têm como desaforar-se por modos ordinários, recorre-se a modos extraordinários” (D, I, 7, p. 33). “Humores”, especificamente nesta citação, faz referência à ira (D, I, 7, p. 34) e outras paixões que podem ser destrutivas. Por fim, elas são mais vivas porque, possivelmente, as paixões no regime de liberdade são mais intensas, afirmação feita pelo próprio Maquiavel no seu opúsculo sobre os principados, como podemos verificar: “Nas repúblicas, porém, há mais vida, mais ódio, mais desejo de vingança. Nelas, a memória da antiga liberdade não as deixa nem as pode deixar repousar” (P, V, p. 24). Assim, como o regime republicano tem mais vida e mais expressão das paixões, supõe-se ser o melhor regime para estudá-las.

Contudo, apesar do nosso interesse pelo republicanismo, entende-se que este projeto não pode prescindir d’*O Príncipe*, primeiro pela necessidade de investigação sobre a *virtù* no pensamento do secretário florentino e, em segundo lugar, porque no livro sobre o principado, Maquiavel pode fornecer elementos para a compreensão tanto ambiência passional que favorece a corrupção, quanto aquela que favorece um regime de

liberdade. Sobre a investigação da *virtù*, *O Príncipe* possui alguns capítulos que, *a priori*, parecem indispensáveis. O capítulo 7, o qual Maquiavel trata sobre César Bórgia, a figura de grande *virtù* neste livro, nos parece central. Assim como o capítulo 8, no qual Maquiavel apresenta a figura de Agátocles, príncipe que pode parecer virtuoso, mas na verdade é criminoso. Investigar a diferença entre estes dois personagens é importante porque a figura de ambos é investida por atos de violência, mas um é virtuoso, enquanto o outro não é. Além disso, os capítulos que tratam sobre as virtudes principescas, que vão do 15 ao 19, podem ajudar na comparação com a concepção de *virtù* do povo. É no capítulo 18 que Maquiavel trata sobre a necessidade do príncipe saber utilizar a natureza animal, escolhendo agir como o leão ou a raposa (P, 18, p. 86), expõe a astúcia como uma possível virtude que compõe a *virtù* do príncipe. Ela também aparece como prudência nos *Discorsi*, por exemplo, ao apresentar Bruto: “Nunca ninguém foi considerado tão prudente e sábio por alguma obra insigne que tenha realizado quanto o merece ser Júnio Bruto na sua simulação de estultícia” (D, III, 2, p. 311).

A *virtù* do povo no início do livro II dos *Discorsi* aponta para a *virtù* das armas (D, II, 3, p. 187), mas sabe-se que o povo deve ser o guardião da liberdade (D, I, 5), o que aponta para a necessidade de uma *virtù* que precisa da força, mas vai além dela. É no estudo da guarda da liberdade, que Maquiavel compara os desejos e as ambições do povo e dos grandes. Provavelmente um capítulo fundamental para esta pesquisa.

O uso de *O Príncipe* também pode se justificar pela investigação do que chamamos ambiência passional, a qual pode favorecer a corrupção ou um regime de liberdade. Certamente, em *O Príncipe*, ao tratar sobre a gestão das paixões (termo de Nagy e Boquet que vimos no início deste projeto), pode nos elucidar sobre como a ambiência para um regime não republicano é criada. Ao tratar sobre a ambiência produzida pelas paixões, acabaremos também tratando sobre o modo de vida produzido pelos diferentes regimes, no caso o que nos interessa, é o *vivere libero*.

Relevância da pesquisa

Maquiavel escreveu seus textos há mais de 500 anos e, ainda assim, seu pensamento continua relevante e atual. Prova disto é que, desde a década de 1970, seus escritos têm gerado cada vez mais interesse de pesquisadores em distintas regiões do mundo, especialmente sobre a questão da república. Esta retomada republicana de Maquiavel vem responder aos estudos da história da filosofia, mas também uma tentativa

de iluminar e fomentar os debates sobre democracia e republicanismo, frente aos problemas contemporâneos de liberdade, representação e modelos de regimes governamentais. Autores como John McCormik e Philip Pettit figuram entre os contemporâneos que usam a política maquiaveliana para pensar questões contemporâneas.

Ademais, estudos recentes em diferentes áreas, como por exemplo, economia, ciência política, literatura, educação, história cultural e mesmo filosofia, tem se dedicado e comprovado que o estudo da dimensão afetiva é um campo extremamente frutífero de pesquisa nos diferentes campos do conhecimento humano. Também a observação da política no mundo, com o crescimento da extrema direita e enfraquecimento da esquerda como governo e oposição, tem suscitado a questão sobre o papel das paixões no campo político: desde a retomada de inúmeras pesquisas com o tema fundamental de La Boétie sobre servidão voluntária, bem como a análise de Rancière (WAKS, 2021) que afirma uma paixão pela desigualdade, ou ainda o uso dos afetos e das emoções nas propagandas políticas, inclusive, e talvez especialmente, nas redes sociais.

Diante deste contexto, nossa pesquisa sobre as paixões que sustentam um regime republicano e a *virtù* popular no pensamento republicano de Maquiavel tem sua relevância para diferentes esferas. Para o estudo maquiaveliano porque ainda são poucos os estudos que colocam as paixões no centro da chave de leitura dos textos teóricos de Maquiavel, o que abre a possibilidade de uma nova exegese do pensamento do florentino.

Assim, pode contribuir efetivamente tanto para pensar a filosofia política do autor e de sua época, como também para os debates de filosofia e teoria política contemporâneas sobre os problemas civis e de âmbito constitucional e institucional do republicanismo e da democracia.

Justificativa da instituição e supervisora

A escolha desta instituição representa um passo decisivo para o fortalecimento de minha pesquisa em filosofia política, ao oferecer não apenas uma estrutura acadêmica de excelência, mas também a interlocução com docentes cuja produção qualificada sobre o republicanismo e Maquiavel dialoga diretamente com o eixo central de minha investigação.

A indicação da Professora Doutora Maria das Graças de Souza como supervisora fundamenta-se em seu reconhecido histórico de orientação de trabalhos sobre Nicolau

Maquiavel e outros autores republicanos — desde pensadores antigos, como Cícero, até modernos, como Rousseau —, o que abre espaço para um diálogo profícuo em torno de questões ainda pouco exploradas nos estudos maquiavelianos com ênfase no republicanismo.

Metodologia

Tendo em vista, primeiramente, que os textos a serem estudados é do século XVI e, em segundo lugar, levando em conta o tema de pesquisa ainda não estudado no Brasil e pouco estudado em Maquiavel, faz-se necessário utilizar dois métodos para a pesquisa. O primeiro é o contato e o trabalho com o texto original de *O Príncipe*¹⁷ (em florentino do século XVI) e sua tradução para italiano contemporâneo a partir de filólogos Martelli, Donzelli e Vivanti. O intuito desta leitura é recuperar sentidos das palavras e do texto possivelmente perdidos com as traduções de traduções. Para o uso do texto em português, a tradução será nossa a partir desse trabalho inicial e o cotejamento com traduções brasileiras e em outros idiomas (francês e espanhol).

Em segundo lugar, será necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema das paixões (emoções ou afetos) no pensamento político de Maquiavel, bem como da *virtù* especialmente no republicanismo do florentino. Considerando tal autor e a temática pouco desenvolvida, a incursão em biblioteca do exterior poderá enriquecer o trabalho, por encontrar produções mais atualizadas sobre o tema. A *Bibliothèque Nationale de France* é recomendada para este tipo de estudo por seu amplo acervo, que contém as primeiras edições originais de Maquiavel e estudos recentes sobre as paixões /emoções no âmbito político no período medieval e Renascimento.

¹⁷ Este trabalho já foi feito na obra *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio* durante o período do doutorado.

Cronograma para 24 meses

	Ano 1		Ano 2	
	1º sem	2º sem	3º sem	4º sem
Leitura e tradução cotejada a partir do texto original de <i>O Príncipe</i>	X	X		
Revisão da literatura a partir de textos conseguidos no Brasil	X	X		
Redação do primeiro artigo		X		
Pesquisa no exterior (BnF)			X	
Revisão da literatura a partir de textos conseguidos no exterior			X	
Redação do segundo Artigo			X	
Redação do terceiro Artigo				X
Organização de um Colóquio sobre o republicanismo de Maquiavel e seus impactos na contemporaneidade				X
Relatório final de pesquisa				X

Referências Bibliográficas

ADVERSE, H. **Maquiavel, a república e o desejo de liberdade**. Trans/Form/Ação, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 33-52, 2007.

ADVERSE, H. **Maquiavel**: política e retórica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ADVERSE, H. Lefort e Maquiavel: Ontologia e História. **Discurso**, v. 48, n. 1, p. 85-96, 29 jun. 2018.

AMES, José Luiz. Liberdade e conflito: o confronto dos desejos como fundamento da ideia de liberdade em Maquiavel. In: **Kriterion**. Belo Horizonte, vol. 50, nº 119, Jun/2009.

BENETTI, F. J. **O conceito de povo nos escritos de Maquiavel**. 2021. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, Paraná, 2021.

BENEVENUTO, F. Maquiavel e a Tradição Republicana. **Prometheus - Journal of Philosophy**. v. 11 n. 30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.52052/issn.21765960.pro.v11i30.11695>. Acesso em: 23 abr. 2020.

BENEVENUTO, F. **A virtù do governante**: circunstâncias e ações para a conquista e a manutenção do poder no pensamento de Maquiavel. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

BESNIER, B. Aristóteles e as paixões. In: BESNIER, B.; MOREAU, P. F.; RENAULT, L. **As paixões antigas e medievais**: teorias críticas das paixões. São Paulo, Ed. Loyola, 2008.

BIGNOTTO, N. **Maquiavel republicano**. São Paulo: Loyola, 2005

BIGNOTTO, N. **Matrizes do republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOCK, Gisela. Civil discord in Machiavelli's *Istorie Fiorentine*. In: BOCK, Gisela; SKINNER, Quentin; VIROLI, Maurizio. **Machiavelli and republicanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BOCK, G.; SKINNER, Q.; VIROLI, M. (Org.). **Machiavelli and republicanism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BOQUET, D; NAGY, P. **Le sujet des émotions au Moyen Âge**. Paris: Beauchesne éditeur, 2008.

BORDELOIS, I. **Etimologia das paixões**. Trad. Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Odisséia Editorial, 2007.

BUCKHARDT, J. **A cultura do Renascimento na Itália**: um ensaio. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CARDOSO, S. **Maquiavelianas**. São Paulo: Editora 34, 2022.

CARDOSO, S. Em direção ao núcleo da 'obra Maquiavel': sobre a divisão civil e suas interpretações. **Discurso**, *S. 1+, v. 45, n. 2, p. 207-248, 2015.

CHAUÍ, M. "Laços do desejo". In: NOVAES, A. (Org.). **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética em Espinosa**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

CHARBEL, Felipe. **Timoneiros: retórica, prudência e história em Maquiavel e Guicciardini**. São Paulo: Editora UNICAMP, 2010.

CÍCERO, M. T. **Discussões Tusculanas**. Trad. Bruno Fregni Basseto. Uberlândia: EDUFU, 2014.

CUTINELLI-RÈNDINA, E. **Chiesa e religione in Machiavelli**. Pisa-Roma: Istituto Editoriali e Poligrafici Internazionali, 1998.

FAINI, M. Machiavelli's passions. **Intellectual History Review**. v. 27, n. 2, p. 203-221, 2017. doi:10.1080/17496977.2017.1295533.

FERREIRA, Christiane Cardoso. **O jogo das paixões no pensamento republicano de Maquiavel**. 2024. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi:10.11606/T.8.2023.tde-27062024-175400.

FERREIRA, C. C.; BENEVENUTO, F. Markus Fischer: uma psicologia política em Maquiavel?. **Figura: Studies on the Classical Tradition**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 107 - 138, 2019. ISSN: 23174625. FISCHER, Markus. Machiavelli's political psychology. **The review of politics**. Cambridge University Press, v. 59, n. 4, p. 789-829, 1997.

GAILLE-NIKODIMOV, M. **Conflit civil et liberté**: La politique machiavélienne entre histoire et médecine. Paris: Honoré Champion, 2004.

GAILLE-NIKODIMOV, M. **Maquiavel**. Coimbra: Edições 70, 2008.

GARIN, E. **Machiavel entre politique et histoire**. Paris: Allia, 2006.

HIRSCHMAN, Al. **As paixões e os interesses**. Trad. Luiz Guilherme Chaves e Regina Bhering. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HOCHNER, N. Machiavelli: Love and the economy of emotions. **Italian Culture**. v. 32, n. 2, p. 122-137, 2014. doi:10.1179/0161462214Z.000000000028.

LACERDA, T. **As paixões**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LARIVAILLE, P. **La pensée politique de Machiavel, Les Discours sur la Première Décade de Tite-Live**. Nancy: Presses universitaires de Nancy (PUN), 1982.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: NOVAES, A. (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

LEFORT, C. La verità effettuale. In: LEFORT, C. **Desafios da escrita política**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

LEFORT, C. A questão da democracia. In: LEFORT, C. **Pensando o político**. Trad.: Eliana M. Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LEFORT, C. **Le travail de l'œuvre Machiavel**. Paris: Gallimard, 1972.

MACHIAVELLI, N. **Il principe**. Trad. Carmine Donzelli. Roma: Biblioteca Donzelli, 2013.

MACHIAVELLI, N. **Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio**. Curia di Mario Martelli. Firenze: Sansoni, 1971.

MACHIAVELLI, N. **Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio**. Milano: BUR

Classici, 2015. MACHIAVELLI, N. **Opere**: Volume II. Cura di Corrado Vivanti. Torino: Einaudi, 1999.

MANSUY, D. Machiavel et la rhetorique des humeurs. **Kriterion: Revista de Filosofia**. v. 57, n. 134, p. 565-586, 2016.

MAQUIAVEL, N. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

MAQUIAVEL, N. **História de Florença**. Tradução de Martins Fontes. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

MAQUIAVEL, N. Discurso sobre as formas de governo de Florença após a morte do jovem Lorenzo de Medici. Tradução de Gabriel Pancera. In: ADVERSE, Helton (Org.). **Maquiavel**: Diálogo sobre nossa língua e Discurso sobre as formas de governo de Florença. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MAQUIAVEL, N. **Política e Gestão Florentina**. (Série Ciências Sociais na Administração, Departamento de Fundamentos Sociais e Jurídicos da Administração, FGV-EAESP). Trad. Renato Ambrósio. São Paulo: FSJ, 2010.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MARTINS, J. A. **Os fundamentos da República e sua corrupção nos Discursos de Maquiavel**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.8.2007.tde-07042008-104136. Acesso em: 2023-10-23.

MÉNISSIER, T. **Vocabulário de Maquiavel**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. Notas sobre Maquiavel. In: MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 237-252.

MOREAU, P. As paixões: continuidades e viravoltas. In: BESNIER, B.; MOREAU, PF; RENAULT, L. **As paixões antigas e medievais**: teorias críticas das paixões. São Paulo, Ed. Loyola, 2008.

NAGY, P. L'émotion au Moyen Âge: un âge de raison. In : VIGARELLO, G. **Histoire des émotions**. Volume 1: De l'Antiquité aux Lumières. Paris: SEUIL, 2016.

NELSON, Eric. **The Greek tradition in Republican Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

POCOCK, J. G. A. **The Machiavellian Moment**. Princeton: Princeton University Press, 1975.

PRICE, R. Self Love, "Egoism" and Ambizione in Machiavelli's Thought. **History of Political Thought**, v. 9, n. 2, p. 237-261, 1988. Disponível em:

<http://www.jstor.org/stable/44797108>.
Acesso em: 5 fev. 2020.

ROSENWEIN, B. H. Emotions words. In: NAGY, P.; BOQUET, D. **Le sujet des émotions au Moyen Âge**. Paris: Beauchesne éditeur, 2008.

ROUSSEAU, J. J. Do contrato Social. In: PIMENTA, P. P. **Escritos sobre a política e as artes**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

RUGGIERO, G. **Machiavelli in Love: Sex, Self, and Society in the Italian Renaissance**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

SARTRE, M. Les grecs. In : VIGARELLO, G. **Histoire des émotions**. Volume 1 : De l'Antiquité aux Lumières. Paris : SEUIL, 2016.

SASSO, G. **Studi su Machiavelli**. Napoli: Morano, 1967

SKINNER, Q. The Paradoxes of Political Liberty. In: SKINNER, Q. **The Tanner Lectures on Human Values**, 1984, p. 227-250.

SKINNER, Q. **Liberdade antes do liberalismo**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

SKINNER, Quentin. **Machiavelly: A very short introduction**. Oxford: Oxford University Press. 2000.

SKINNER, Q. **A third concept of liberty**. In: Prodeedings of the British Academy, n. 117, 2002, p. 237-268.

SKINNER, Q. **As fundações do pensamento político moderno**. Trad. de Renato Janine e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SKINNER, Q. The idea of negative liberty: Machiavellian and modern perspectives. In:

SKINNER, Q. **Visions of Politics: Renaissance Virtues Vol. 2**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SKINNER, Q. Machiavelli on *virtù* and the maintenance of liberty. In: SKINNER, Q. **Visions of politics: Renaissance Virtues**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SKINNER, Q. **As fundações do pensamento político moderno**. Trad. de Renato Janine e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SOLOMON, R. "The politics of emotion". In: KINGSTON, R., FERRY, L. (Org.). **Bringing the passions Back in**. Vancouver: UBC Press, 2008.

SILVA, R. Da honra ao patrimônio. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 12, p. 43-66, 2013.

THOMASSET, C; VIGARELLO, G. Esmouvoir, esmouvement: Archéologie du mot émotion. In: VIGARELLO, G. **Histoire des émotions**. Vol. 1: De l'Antiquité aux Lumières. Paris: SEUIL, 2016.

VIAL-LOGEAY, A. L'univers romain. In: VIGARELLO, G. **Histoire des émotions**. Vol. 1: De l'Antiquité aux Lumières. Paris: SEUIL, 2016.

WAKS, J. T. Tomada da palavra e conquista do tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, Brasil, n. 47, 2021.
<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147002003>